

# Ciência da Auto-Realização

## Introdução

“Quem é Śrīla Prabhupāda?”, as pessoas perguntam frequentemente, e é sempre uma pergunta difícil de se responder. Pois Śrīla Prabhupāda sempre eclipsou designações convencionais. Várias vezes as pessoas o têm chamado de erudito, filósofo, embaixador cultural, autor prolífico, líder religioso, mestre espiritual, crítico social e homem santo. Na verdade, ele foi tudo isso junto e mais. Decerto ninguém poderia tê-lo confundido com os modernos “*gurus*” empresariados que vêm para o Ocidente com versões habilidosamente empacotadas e água-com-açúcar de espiritualidade oriental (para satisfazer nossa premente necessidade de bem-estar instantâneo e explorar nossa bem-documentada ingenuidade espiritual). Śrīla Prabhupāda foi, antes, um verdadeiro homem santo (*sādhu*) de profunda sensibilidade intelectual e espiritual—ele teve profunda preocupação e compaixão por uma sociedade que, em proporções muito salientes, carece de verdadeira dimensão espiritual.

Para a iluminação da sociedade humana, Śrīla Prabhupāda produziu cerca de oitenta volumes de traduções e estudos sumários dos grandes clássicos espirituais da Índia, e sua obra tem sido impressa em muitas línguas em todos os continentes. Além disso, em 1944 Śrīla Prabhupāda, sozinho, lançou uma revista chamada *De Volta ao Supremo*, que hoje em dia tem uma circulação mensal de mais de meio milhão de cópias apenas em inglês. Praticamente todas as entrevistas, palestras, ensaios e cartas escolhidas para o *Ciência da Auto-Realização* apareceram primeiramente em *De Volta ao Supremo*.

Nessas páginas Śrīla Prabhupāda apresenta a mesma mensagem que o grande sábio Vyāsadeva registrou milhares de anos atrás, a mensagem dos textos védicos da Índia milenar. Como veremos, ele faz citações frequentes do *Bhagavad-gītā*, do *Śrīmad-Bhāgavatam* e de outros clássicos textos védicos. Ele transmite em inglês moderno o mesmo conhecimento intemporal que outros grandes mestres auto-realizados têm falado desde há milênios— conhecimento que revela os segredos do eu dentro de nós, da natureza e do universo, e do Eu Supremo dentro e fora de nós. Śrīla Prabhupāda fala com uma clareza admirável e uma espécie de eloquência simples e convincente, provando quão relevante é a ciência da auto-realização para nosso mundo moderno e nossas próprias vidas.

Entre as dezenove seleções escolhidas para a primeira parte desta obra especial, ouvimos o comovente discurso de Śrīla Prabhupāda em homenagem a seu mestre espiritual, seu intercâmbio com um renomado cardiologista sobre a “investigação da alma”, suas revelações à London Broadcasting Company sobre reencarnação, seus agudos comentários ao *London Times* sobre *gurus* falsos e verdadeiros, seu diálogo com um monge beneditino da Alemanha acerca de Kṛṣṇa e Cristo, suas realizações sobre a superconsciência e a lei do *karma* e seu notável comentário ao profundo poema de Śrīpada Saṅkarācārya, a maior autoridade em filosofia impersonalista na Índia.

Leia as seleções em ordem, se quiser, ou comece com aquelas que de início despertarem seu interesse. (O glossário no final do livro explicará palavras e nomes pouco familiares.) A *Ciência da Auto-Realização* desafiá-lo-á e dar-lhe-á inspiração e iluminação.

—Os Editores

Desde o começo, eu senti que Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedânta Swami Prabhupāda era a pessoa mais extraordinária que eu já havia encontrado. O primeiro encontro ocorreu no verão de 1966, na cidade de Nova Iorque. Um amigo tinha me convidado para ouvir uma palestra de “um velho swami indiano” na parte baixa do Bowery em Manhattan. Tomado de curiosidade por um swami que dava palestras em meio a tremenda confusão, fui até lá, onde tive que enfrentar uma escadaria muito escura. Um som rítmico semelhante ao de um sino tornava-se cada vez mais alto à medida que eu subia as escadas. Finalmente, cheguei ao quarto andar. Abri a porta, e lá estava ele.

Cerca de cinco metros de onde eu estava, na outra extremidade de um quarto estreito e escuro, ele estava sentado sobre um pequeno estrado, com o rosto e a veste açafroada radiantes sob uma luz tênue. Ele era idoso, por volta de sessenta anos, pensei eu, e sentava-se com as pernas cruzadas numa postura ereta e solene. Tinha a cabeça raspada, e seu rosto vigoroso e avermelhados óculos de aro de cláxon davam-lhe a aparência de um monge que passara a maior parte da vida absorto em estudos. Mantinha os olhos cerrados e cantava suavemente uma simples oração em sânscrito enquanto tocava um tambor de mão. A pequena audiência o acompanhava a intervalos, respondendo a seu canto. Alguns tocavam címbalos de mão, os quais reconheci pelos sons semelhantes aos de um sino que eu ouvira. Fascinado, fiquei sentado quieto, atrás; tentei participar no canto e esperei.

Após alguns instantes, o swami começou a dar sua palestra em inglês, aparentemente baseado em um imenso volume em sânscrito que se encontrava à sua frente. Ocasionalmente, ele citava alguma passagem do livro, mas a maior parte das vezes citava de memória, O som do idioma era belo, e ele seguia cada passagem com explicações meticulosamente detalhadas.

Ele parecia um erudito, seu vocabulário intrincadamente ornamentado com termos e frases filosóficas. Os elegantes gestos com as mãos e as animadas expressões faciais adicionavam um considerável impacto a seu discurso. O assunto foi o mais sério que eu jamais tinha ouvido: “Eu não sou este corpo. Não sou um indiano... vocês não são americanos... todos nós somos almas espirituais..”

Após a palestra, alguém deu-me um panfleto impresso na Índia. Uma foto mostrava o swami dando três de seus livros ao Primeiro Ministro indiano, Lal Bahadur Shastri. A legenda citava o Sr. Shastri dizendo que todas as bibliotecas do governo indiano deviam encomendar os livros: “Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedânta Swami Prabhupāda está fazendo um trabalho grandioso”, dizia o Primeiro Ministro em outro trecho, “e seus livros são contribuições significativas para a salvação da humanidade”. Eu adquiri cópias dos livros, que, como fiquei sabendo, o swami havia trazido consigo da Índia. Após ler as orelhas da capa dos livros, o pequeno panfleto e vários outros textos, comecei a compreender que acabara de me encontrar com um dos mais respeitados líderes espirituais da Índia

Mas não podia entender por que um cavalheiro tão distinto estava morando e dando palestras no Bowery, o pior dos piores lugares. Ele era certamente bem educado e, a julgar pelas aparências, havia nascido em aristocrática família indiana. Por que estava vivendo em tal pobreza? O que no mundo o havia trazido ali? Uma tarde, alguns dias depois, voltei para visitá-lo e descobrir os porquês.

Para minha surpresa, Śrīla Prabhupāda (como posteriormente vim a chamá-lo) não estava muito atarefado para conversar comigo. De fato, ele parecia estar disposto a conversar o dia todo. Ele foi caloroso e amigável, e explicou-me que havia aceitado a ordem de vida renunciada na Índia em 1959, e que não lhe era permitido carregar ou ganhar dinheiro para suas necessidades pessoais. Ele tinha completado seus estudos na Universidade de Calcutá muitos anos atrás e tinha tido família, e depois deixara seus filhos mais velhos encarregados da família e dos assuntos financeiros, como prescreve a literatura clássica da Índia milenar. Após aceitar a ordem de vida renunciada, ele conseguira uma passagem de graça em cargueiro indiano (o *Jaladuta* da Companhia de Navegação Scindia) através de um velho amigo da família. Em setembro de 1965, ele acabara de atravessar por mar de Bombaim à Boston, equipado com apenas o equivalente a sete dólares em rúpias, um baú de livros e algumas roupas. Seu mestre espiritual, Sua Divina Graça Bhaktisiddhānta Sarasvatī Ṭhākura, incumbira-o de transmitir os ensinamentos védicos ao mundo ocidental. E foi por isso que, aos sessenta e nove anos de idade, ele viera para os Estados Unidos. Disse-me que queria ensinar aos americanos a música, culinária, idiomas e diversas outras artes da Índia. Sem querer exagerar, eu estava espantado.

Vi que Śrīla Prabhupāda dormia sobre um pequeno colchão e que suas roupas estavam penduradas em cordas na parte detrás do quarto, onde secavam ao calor da tarde de verão. Ele próprio as lavava e cozinhava sua própria comida em um engenhoso utensílio que ele fabricara com suas próprias mãos na Índia. Neste aparato de quatro níveis ele cozinhava quatro preparações de uma vez só. Amontoados por toda a sua volta, havia uma quantidade aparentemente ilimitada de manuscritos. Ele passava quase todo o tempo em que estava acordado — cerca de vinte horas em vinte e quatro, como fiquei sabendo — datilografando em sua antiquada máquina portátil a continuação dos três volumes que eu adquirira. Era uma obra projetada em sessenta volumes chamada *Śrīmad-Bhāgavatam*, e era, por assim dizer, a enciclopédia da vida espiritual. Desejei-lhe boa sorte na publicação, e ele me convidou a voltar para as aulas de sânscrito aos sábados e para suas palestras noturnas às segundas, quartas e sextas. Eu aceitei o convite, agradei-lhe, e saí, maravilhado com sua incrível determinação.

Algumas semanas mais tarde—era julho de 1966—tive o privilégio de ajudar Śrīla Prabhupāda a mudar-se para uma vizinhança um tanto mais respeitável, na Segunda Avenida. Alguns amigos e eu nos juntamos e alugamos uma loja de andar térreo e um apartamento de segundo andar, o qual dava para os fundos de um pátio, tudo no mesmo prédio. As palestras e cantos continuaram, e dentro de duas semanas uma congregação que crescia rapidamente cuidava da loja (que agora se transformara em templo) e do apartamento. Por essa época, Śrīla Prabhupāda estava ensinando seus seguidores a

imprimir e distribuir panfletos, e o proprietário de uma gravadora de discos o havia convidado a gravar um LP do canto Hare Kṛṣṇa. Ele o fez, e foi um grande sucesso. Em seu novo endereço, ele ensinava canto, filosofia védica, música, meditação com *japa*, belas artes e culinária. A princípio, ele próprio cozinhava—ele sempre ensinou pelo exemplo. O resultado era as mais admiráveis refeições vegetarianas que eu jamais experimentei. (O próprio Śrīla Prabhupāda era quem servia tudo que preparava!) Geralmente, as refeições consistiam de um tipo de arroz, um prato de legumes, *capātis* (pães achatados feitos de farinha integral) e *dāhl* (uma sopa bem temperada de feijão mung ou ervilha). A condimentação, o elemento básico para cozinhar—*ghī*, ou manteiga clarificada—e a concentrada atenção na temperatura apropriada para cozinhar e outros detalhes—tudo isso combinava-se para produzir deleites de paladar totalmente desconhecidos para mim. A opinião de outras pessoas sobre a comida, chamada *prasāda* (“a misericórdia do Senhor”), concordava enfaticamente com a minha. Um assistente social que também era erudito em língua chinesa estava aprendendo com Śrīla Prabhupāda a pintar no estilo clássico indiano. Fiquei impressionado com a alta qualidade de suas primeiras telas.

Em debates filosóficos e lógica, Śrīla Prabhupāda era inderrotável e infatigável. Ele interrompia seu trabalho de tradução para ter discussões que às vezes chegavam a durar oito horas. Às vezes sete ou oito pessoas comprimiam-se no pequeno e imaculadamente limpo cômodo onde ele trabalhava, comia e dormia sobre uma almofada de espuma de duas polegadas de espessura. Śrīla Prabhupāda constantemente enfatizava e exemplificava o que chamava de “vida simples com pensamento elevado”. Ele enfatizava que a vida espiritual era ciência provável através da razão e da lógica, e não mera questão de sentimentalismo ou fé cega. Ele deu início a uma revista mensal, e no outono de 1966 o *New York Times* publicou um artigo com foto favorável sobre ele e seus seguidores. Pouco tempo depois, um canal de televisão fez uma reportagem sobre eles.

Śrīla Prabhupāda era uma pessoa emocionante de ser conhecida. Quer fosse por meu desejo de obter benefícios pessoais da *yoga* e do canto, quer fosse apenas por mera fascinação, eu sabia que queria acompanhar seu progresso a cada passo do seu caminho. Seus planos de expansão eram ousados e imprevisíveis, exceto pelo fato de que sempre pareciam suceder gloriosamente. Ele tinha os seus setenta anos e era um estranho para os Estados Unidos, e havia chegado praticamente com nada; todavia, agora, após poucos meses, já havia, sozinho, dado início a um movimento! Era algo desconcertante.

Certa manhã de agosto no templo da loja da Segunda Avenida, Śrīla Prabhupāda nos disse: “Hoje é o dia do aparecimento do Senhor Kṛṣṇa”. Observaríamos jejum por vinte e quatro horas e permaneceríamos dentro do templo. Naquela noite alguns visitantes da Índia também compareceram à reunião. Um deles — praticamente em lágrimas — descreveu sua infinita felicidade de ter encontrado este pedacinho da Índia autêntica no outro lado do mundo. Jamais em seus sonhos mais audaciosos poderia ele ter imaginado tal coisa. Ele ofereceu a Śrīla Prabhupāda eloqüentes louvores e profundos agradecimentos, deixou uma doação e prostrou-se a seus pés. Todos ficaram profundamente comovidos. Mais tarde, Śrīla Prabhupāda conversou com os cavalheiros em hindi, e uma vez que eu não podia entender o que ele dizia, pude apenas observar como sua própria expressão e gestos tocavam o âmago da alma humana.

Posteriormente naquele ano, enquanto estive em San Francisco, enviei a Śrīla Prabhupāda sua primeira passagem de avião, e ele voou de Nova Iorque para San Francisco. Um grupo bastante grande de nós saudou-o no aeroporto cantando o *mantra* Hare Kṛṣṇa. Depois nós o levamos de carro à orla oriental do Golden Gate Park para um apartamento recém-alugado e um templo em loja de frente — um arranjo muito semelhante ao de Nova Iorque. Havíamos estabelecido um padrão. Śrīla Prabhupāda estava extático.

Algumas semanas depois, a primeira *mṛdaṅga* (tambor feito de barro com duas extremidades para batuque) chegou a San Francisco, proveniente da Índia. Quando subi ao apartamento de Śrīla Prabhupāda e lhe dei a notícia, ele arregalou os olhos e, com voz extasiada, mandou que eu descesse rapidamente e abrisse o engradado. Peguei o elevador, saltei no andar térreo e estava andando em direção à porta da frente quando Śrīla Prabhupāda apareceu. Ele estava tão ávido de ver a *mṛdaṅga* que desceu pela escada chegando primeiro que o elevador. Ele nos pediu para abrir o engradado, rasgou um pedaço da roupa açafroada que estava usando, e, deixando apenas as extremidades para batuque expostas, envolveu toda a *mṛdaṅga* com o pano. Então disse: “Isto nunca deve ser tirado,” e começou a dar instruções detalhadas sobre como tocar e cuidar do instrumento.

Ainda em San Francisco, em 1967, Śrīla Prabhupāda inaugurou o Ratha-yātrā, o Festival dos Carros, um dos vários festivais que, graças a ele, as pessoas podem assistir hoje em dia em todo o mundo. O Ratha-yātrā acontece na cidade de Jagannathā Purī na Índia, ano após ano, desde há dois mil anos, e em 1975 o festival já tinha se tornado tão popular entre os San Franciscanos que o prefeito declarou este dia feriado na cidade — “Dia do Ratha-yātrā em San Francisco”.

Em meados de 1966 Śrīla Prabhupāda começara a aceitar discípulos. Ele era rápido em chamar a atenção das pessoas para o fato de que todos deviam considerá-lo, não como Deus, mas como servo de Deus, e criticava os *gurus* da moda que deixavam seus discípulos adorá-los como Deus. “Esses ‘deuses’ são muito baratos”, costumava dizer. Certo dia, depois que alguém perguntou, “O senhor é Deus?”, Śrīla Prabhupāda respondeu: “Não, eu não sou Deus — sou servo de Deus”. Então ele refletiu por um momento e prosseguiu. “Na verdade, *eu não* sou servo de Deus. Estou *tentando* ser servo de Deus. Um servo de Deus não é algo comum”. Em meados dos anos 70 o trabalho de tradução e publicação de Śrīla Prabhupāda intensificou dramaticamente. Intelectuais em todo o mundo fizeram comentários favoráveis sobre seus livros, e praticamente todas as universidades e faculdades dos Estados Unidos aceitaram-nos como textos padrão. Ao todo, ele produziu cerca de oitenta livros, os quais seus discípulos têm traduzido para vinte e cinco idiomas e dos quais já distribuíram cerca de vinte e cinco milhões de cópias. Ele estabeleceu cento e oito templos em todo o mundo, e tem cerca de dez mil discípulos iniciados e uma congregação de milhões de seguidores. Śrīla Prabhupāda escreveu e traduziu até os últimos dias de sua estada de oitenta e um anos na Terra.

Śrīla Prabhupāda não foi apenas outro erudito, *guru*, místico, professor de *yoga* ou instrutor de meditação oriental. Ele foi a corporificação de toda uma cultura, a qual implantou no Ocidente. Para mim e para muitos outros, ele foi, antes

## *Ciência da Auto-Realização*

demais nada, alguém que realmente se preocupou conosco, que sacrificou completamente o seu próprio conforto para trabalhar para o bem dos outros. Ele não tinha vida privada, senão que vivia apenas para os outros. Ensinou ciência espiritual, filosofia, bom senso, belas artes, idiomas, o modo de vida védico — higiene, nutrição, medicina, etiqueta, vida familiar, agricultura. organização social, educação escolar, economia — e muitas coisas mais a muitas pessoas. Para mim, ele foi um mestre, um pai e meu mais querido amigo.

Estou profundamente endividado com Śrīla Prabhupāda, e é uma dívida que jamais serei capaz de liquidar. Mas posso ao menos mostrar alguma gratidão, juntando-me a seus outros seguidores para satisfazer seu desejo mais íntimo — publicar e distribuir seus livros.

“Jamais morrerei”, disse Śrīla Prabhupāda certa vez. “Viverei para sempre em meus livros”. Ele se foi deste mundo no dia 14 de novembro de 1977, mas, sem dúvida, ele viverá para sempre.

Michael Grant  
(Mukunda dasa)